



Solimões. “O objetivo inicial do programa foi atingir as comunidades situadas 5 km à esquerda e à direita do traçado do gasoduto, e os resultados mostraram-se muito satisfatórios”, diz Nádia Ferreira. Desde setembro de 2005, o barco está a serviço do governo para ações de cidadania. Sua última missão foi na reserva de Mamirauá, próxima à cidade de Tefé (AM). A embarcação transportou jovens de uma expedição financiada pela Organização do Tratado Comum Amazônico (OTCA) e pelos ministérios da Educação do Brasil, Peru, Bolívia, Venezuela, Equador, Guiana Francesa, Suriname e Guiana. O objetivo era dar visibilidade às belezas e aos problemas amazônicos e formar novas lideranças que irão divulgar e defender a preservação para o uso sustentável dos recursos naturais da floresta amazônica. Segundo a coordenadora do programa, a Secretária do Trabalho, Ação Social e Cidadania (Setrac), responsável pelos barcos de Pronto-Atendimento Itinerante (PAI), “adotou” o Barco Zona Franca Verde, com cronograma pronto para suas próximas missões.

Flávia Gouveia

CIÊNCIAS SOCIAIS

O esquecimento da política e as mutações no mundo das idéias

As incertezas e profundas transformações nas várias esferas da vida humana compõem um panorama em que a política é um dos objetos privilegiados de esquecimento. Esse mote foi um dos principais eixos do ciclo de conferências “O esquecimento da política, cultura e pensamento em tempos de incerteza”, organizado pelo filósofo e jornalista Adauto Novaes, no segundo semestre de 2006 em Curitiba, Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro. O evento é parte de uma trilogia inaugurada com “O silêncio dos intelectuais”, em 2005. Neste ano, além do lançamento do livro com os artigos de “O esquecimento da política”, ocorrerá o terceiro e último ciclo da trilogia, que terá como nome “Mutações”. Para Adauto Novaes, tanto o “Silêncio dos intelectuais” quanto “O esquecimento da política” fazem parte de uma idéia geral de discutir não a crise da civilização, que é algo que vem sendo constantemente retomado, mas sim uma mudança nos parâmetros da própria idéia de civilização no ocidente. “Não existe nenhuma área da atividade humana que não esteja passando por uma mudança radical. A própria idéia de in-

telectual clássico ou engajado, que tem como figura emblemática Jean Paul Sartre, tende a desaparecer sendo que ainda não está muito bem definido o novo intelectual, ou qual sua função”, diz Novaes.

Seguindo um questionamento semelhante, o segundo ciclo guiou-se pelas modificações da noção de política. “O que substituiu a política, o que tende a ser hegemônico na sociedade hoje?” pergunta Novaes, e responde: “a privatização do espaço público, daquilo que seria o social. Nota-se aí a substituição da política pela economia, mas ela ainda é substituída pela moralidade, por questões éticas, e algumas vezes a religião também tende a substituí-la”.

Além desse eixo, “O esquecimento da política” também foi direcionado por aquilo que Novaes afirma ser uma crise dos ideais republicanos, nascidos com as revoluções inglesa, francesa e americana. Segundo o organizador dos eventos, a república nasce num embate entre a defesa das questões sociais e a questão individual. “Isso é constitutivo da própria idéia de república. Mas existe hoje uma crise desses ideais na medida em que o individual está dominando a cena cultural e política, na grande maioria dos países” diz ele. Novaes apóia-se em vários teóricos, dentre eles Jacques Rancière, e seu recente livro *La haine de la démocratie*, para dizer que a ideologia dominante confunde ideais republicanos



com liberalismo, o qual define a política como consenso.

MUTAÇÕES O terceiro eixo do ciclo de conferências, que é a outra forma de esquecimento da política, foi discutido por meio da idéia de servidão voluntária de Etienne de La Boétie – escritor francês do século XVI. De acordo com Novaes, os dominadores recorrem a várias formas de subjugar as multidões e a mais forte delas, como mostra La Boétie, consiste em transformar os dominados em artesãos ativos de sua própria dominação. Porém, mais do que evidenciar o lado passivo do povo, Novaes considera a obra como fundamental para compreender os homens como seres destinados à liberdade.

Se perpetuar o debate instigado pelos ciclos anteriores, o ciclo Mutações de 2007 promete. “Temos tratado a questão das mudanças de forma indireta, e pela primeira vez vamos discutir diretamente o conceito de mutação nas várias áreas. As grandes mudanças têm sido trazidas pela tecnociência ou pela prática da ciência por meio das técnicas. Vamos montar um ciclo baseado em Nietzsche, para observar o que está acontecendo na biologia, na física, nas artes, na política, nas mentalidades, na sensibilidade”. O próximo ciclo deverá ocorrer entre agosto e setembro de 2007.

Marta Kanashiro

QUÍMICA

Conceito do que é tóxico muda através dos tempos

Substâncias consideradas benéficas hoje podem ser declaradas tóxicas amanhã. Para melhorar a qualidade da vida, a história registra tentativas de lidar com as doenças, com as pragas dos alimentos, com a contaminação da água e com a higiene do ambiente.

Nesse processo de percepção de que bons resultados imediatos podiam não garantir a segurança no longo prazo, foram saindo de cena práticas usuais, como a ingestão de substâncias – petróleo, clorofórmio e amônia (veja tabela) – consideradas terapêuticas para uso humano no passado. Se tal utilização nos parece bizarra atualmente, não se pode descartar a proibição futura de compostos hoje consumidos largamente. A Sociedade Norte-Americana de Química (ACS, na sigla em inglês) estima que haja 11 milhões de substâncias químicas no mundo, das quais 80 mil utilizadas na indústria alimentícia e

farmacêutica, e também no uso doméstico. Porém, somente cerca de 6% possui dados de toxicidade. “A principal consequência é o fato de muitas substâncias serem liberadas ao consumo, sem um devido estudo toxicológico, capaz de detectar características nocivas à saúde humana após uso prolongado”, alertam os autores de um levantamento das substâncias químicas, publicado recentemente no periódico científico *Química Nova* (vol.29, outubro de 2006), os pesquisadores Luiz Cláudio Ferreira Pimentel, Camille Rodrigues Chaves e Layla Alvim, orientados pelo professor do Departamento de Química Analítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Júlio Carlos Afonso.

Com a explosão da indústria química no século XIX, multiplicou-se a síntese e produção de substâncias com aplicação para corantes, medicamentos, explosivos, fertilizantes e outros, consolidando-se, no século seguinte, como a ciência responsável pela transformação da natureza. O fascínio por esse poder transformador da química como panacéia dos problemas humanos, ofuscou qualquer tentativa de estabelecer cuidados

